

CULTIVAR DE FEIJÃO PÉROLA: NÍVEL DE ACEITABILIDADE ENTRE OS PRODUTORES DE GOIÁS E MINAS GERAIS

Lidia Pacheco Yokoyama¹; Maria José Del Peloso²;
José Geraldo Di Stefano³ e Massaru Yokoyama²

Os avanços da difusão de novas cultivares são geralmente estimados por estudos de adoção nas áreas de produção. Não obstante a sua importância, esses estudos, além de requererem tempo e recursos, somente se justificam no momento em que a cultivar já tenha sido difundida por vários anos.

Trabalhos sobre o nível de adoção de uma nova tecnologia, envolvendo os segmentos *produção, mercado e consumo*, são imprescindíveis porque propiciam subsídios valiosos para os estudos de avaliação de impacto e de análise de sistemas de produção.

Neste trabalho, o segmento *produção* foi analisado em uma amostra aleatória de produtores de feijão que tiveram acesso às primeiras sementes básicas da cultivar Pérola. Para complementar o processo de identificação dos pontos positivos e negativos do produto, foram também colhidas informações entre os consumidores. Além de conhecer o nível de aceitabilidade da cultivar de feijão Pérola entre alguns produtores dos Estados de Goiás e Minas Gerais, foram também objetivos deste trabalho: quantificar o impacto da cultivar Pérola sobre os rendimentos, em nível de propriedade; identificar as características da cultivar que têm contribuído para sua adoção ou não; e conhecer a avaliação dos produtores sobre a cultivar.

O universo de amostragem abrangeu os produtores dos Estados de Goiás e Minas Gerais que compraram semente básica da cultivar Pérola da Embrapa Arroz e Feijão, em 1996. No segundo semestre de 1997, para cada um desses produtores foi enviado um questionário, com perguntas dirigidas e abertas sobre os aspectos socio-agroeconômicos da cultivar nas safras da seca/96 (segunda safra), inverno/96 (terceira safra) e seca/97 (segunda safra).

Dos 52 questionários enviados a produtores de Goiás e dos 13 enviados aos produtores de Minas Gerais retornaram, respectivamente, 13 (25,0%) e 5 (38,5%). Apesar de esta amostra dirigida não ser representativa estatisticamente, a análise dos dados forneceu informações importantes para a área de pesquisa em melhoramento, manejo e fitossanidade.

Para a análise das vantagens e desvantagens que a cultivar Pérola apresenta, utilizou-se a metodologia de pontuação seguinte: 1^a lugar = 10 pontos; 2^a lugar = 6 pontos; 3^a lugar = 4 pontos; 4^a lugar = 3 pontos; 5^a lugar = 2 pontos; 6^a lugar = 1 ponto.

O tamanho médio das propriedades amostradas foi de 1.351 hectares, sendo a área média plantada com feijão de 461 hectares. Na amostragem avaliada, 33,3%

¹Pesquisadora, M.Sc. Embrapa Arroz e Feijão, Caixa Postal 179, 75375-000, Santo Antônio de Goiás, GO.

²Pesquisador, Dr., Embrapa Arroz e Feijão.

³Técnico de Nível Superior, B.Sc., Embrapa Arroz e Feijão.

plantaram na segunda safra (da “seca”), 61,2% na terceira safra (de “inverno”) e 5,5% não responderam. O tamanho médio da área de feijão plantada na terceira safra foi maior em relação à média das áreas das outras épocas. Foi possível identificar que o plantio de uma nova cultivar, principalmente na terceira safra, está relacionado a dois aspectos: produção de sementes e maior procura por novas tecnologias.

A cultivar de feijão mais plantada nas amostradas pesquisadas foi a Pérola (71,5% dos produtores). A cultivar Aporé e as conjugações Pérola/Carioca, Pérola/Aporé, Pérola/Jalo, e Jalo/Pérola/Rudá foram apontadas, cada uma delas, por 5,7% dos produtores. A porcentagem de produtores que utilizaram a cultivar Pérola foi maior evidentemente por ser uma amostra dirigida, e o plantio de outras cultivares pode ser justificado tanto pela falta de um volume maior de sementes da cultivar Pérola quanto pelo não conhecimento da performance desta cultivar.

Entre os produtores amostrados, a área total plantada com feijão foi de 7.366 hectares e a produção, 17.829 toneladas (Tabela 1). As médias de produtividade obtidas na segunda e na terceira safras foram superiores em até quatro vezes à média nacional, o que atesta que a produção de feijão sob irrigação controlada é uma das alternativas de cultivo de terceira safra.

Tabela 1. Área, produção e rendimento de feijão dos produtores amostrados nos Estados de Goiás e Minas Gerais. 1996 e 1997

Safras	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento(kg/ha)
Segunda	971	2.661,5	2.740
Terceira	6.395	15.168,3	2.372
Total	7.366	17.829,8	

Dentre os 12 produtores amostrados que plantaram exclusivamente a cultivar Pérola, as médias de produtividade foram ainda maiores: 2.981 kg/ha, na segunda safra, e 2.535 kg/ha, na terceira safra. A maior produtividade média da segunda safra pode ser explicada pelas condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura que ocorreram nesta safra, em 1996. Neste sentido, é oportuno mencionar que, durante os meses de cultivo desta safra (fevereiro, março e abril), as precipitações distribuíram-se uniformemente (147,1 mm, 136,3 mm e 130,2 mm, respectivamente) e as temperaturas foram de 23,2°C, 23,1°C e 22,4°C.

A maioria dos produtores tomou conhecimento da cultivar Pérola por meio de publicações (Tabela 2), principalmente aquelas relacionadas à área agrícola. Outro grande veículo de difusão da cultivar são os assistentes técnicos particulares, devido à natureza de seu próprio trabalho, que visa fundamentalmente buscar e ofertar novas tecnologias para os produtores.

Tabela 2. Distribuição percentual dos principais veículos de comunicação utilizados pelos produtores amostrados nos Estados de Goiás e Minas Gerais. 1996 e 1997.

Itens	Percentual
Dia de Campo	5,5
Televisão	-
Publicação	33,5
Vizinho	5,5
Assistência técnica pública	5,5
Assistência técnica privada	16,7
Palestra técnica	11,1
Outros	22,2

A produtividade da cultivar Pérola foi a principal vantagem apontada pelos produtores de Goiás e Minas Gerais (Tabela 3), confirmando os resultados de pesquisa obtidos na avaliação dos ensaios regionais em rede. A segunda vantagem desta cultivar, reconhecida por esses produtores, refere-se à resistência a doenças, o que reduziu o uso de fungicidas, principalmente no controle de mancha angular e murcha de *Fusarium*, diminuindo, assim, os custos de produção. Outros aspectos, como mercado (comercialização) e porte da planta, foram também considerados características vantajosas. O fato de o porte da planta ter sido citado pode ser explicado pela "agressividade" da cultivar no que se refere à emissão de uma quantidade de guias que se entrelaçam no dossel e servem de apoio à planta, diminuindo o contato das vagens com o solo e, conseqüentemente, o risco de se obterem grãos de baixa qualidade. Além disto, seus grãos, por serem maiores, proporcionam um visual mais atraente ao consumidor.

Tabela 3. Vantagens da cultivar Pérola, segundo os produtores amostrados nos Estados de Goiás e Minas Gerais. 1996 e 1997.

Aspecto positivo	Total de pontos
Produtividade	111
Resistência a doenças	109
Mercado	70
Porte	62
Resistência a pragas	23
Ciclo	23
Resistência ao acamamento	15

Para os produtores amostrados, a principal desvantagem da cultivar Pérola é o rápido escurecimento do tegumento dos grãos (Tabela 4). Este aspecto foi constatado em ambientes onde a cultura esteve exposta a estresses abióticos que resultaram na desuniformidade de maturação da cultivar, corroborado pelo fato de a cultivar apresentar um período de florescimento mais prolongado.

Tabela 4. Desvantagens da cultivar Pérola, segundo os produtores amostrados nos Estados de Goiás e Minas Gerais. 1996 e 1997.

Aspecto negativo	Total de pontos
Escurecimento do grão	97
Maturação	40
Susceptibilidade a doenças	37
Ciclo	34
Mercado	21
Resistência ao acamamento	18

Quando se questionou os produtores para saber se voltariam a plantar a cultivar Pérola, obtiveram-se 83,3% de respostas afirmativas, das quais: 33,3% destacaram a superioridade da cultivar quanto à produtividade; 33,3%, a resistência a doenças; e 22,2% mercado. Entre os 11,1% dos produtores que responderam negativamente, apenas um justificou sua resposta mencionando o porte da planta.

Quanto à aceitação da cultivar no mercado, aspecto que sempre foi alvo de grande preocupação da pesquisa, 27,8% dos produtores amostrados consideram-na ótima; 55,5%, boa, e 16,7%, regular.